

ARTIGO

As Contribuições de Henri Coudreau à Coleção Etnográfica do Museu Paraense Emílio Goeldi¹**The Contributions of Henri Coudreau to the Ethnographic Collection of the Museu Paraense Emílio Goeldi**

202

MUSEOLOGIA & INTERDISCIPLINARIDADE Vol. 9, nº 17, Jan./ Jul. de 2020

Matheus Camilo Coelho

Alegria Benchimol

Elis de Araújo Miranda

DOI 10.26512/museologia.v9i17.19690

Resumo:

O presente artigo objetiva esclarecer dúvidas referentes à documentação da Coleção Etnográfica coletada por Henri Coudreau, viajante e geógrafo francês, e acondicionada atualmente no Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) e traçar uma breve trajetória de Coudreau no Pará entre 1895 e 1899, apontando as contribuições do geógrafo francês para a Coleção do MPEG. A partir de uma pesquisa qualitativa documental e bibliográfica, apresenta-se como resultados o esclarecimento acerca da quantidade de objetos doados pelo geógrafo à Instituição e um mapa contendo a marcação dos rios percorridos por Coudreau.

Palavras-Chave

Henri Coudreau. Coleção Etnográfica. Ciência na Amazônia. Museu Paraense Emílio Goeldi. Coleccionismo.

Abstract:

This study aims to elucidate questions about the documentation of Ethnographic Collection collected by Henri Coudreau, traveller and geographer, placed currently in the Museum Paraense Emílio Goeldi (MPEG), and to map a brief trajectory of the French geographer in the state of Pará between the years of 1895 and 1899, indicating his contribution to the Collection of MPEG. The performed study was a qualitative documental and bibliographic. The findings enlighten the knowledge about the amount of objects donated by the geographer to the institution and presents a map containing the demarcation of Amazonian rivers traveled by Coudreau.

Keywords

Henri Coudreau. Ethnographic Collection. Science in Amazon. Museu Paraense Emílio Goeldi. Collecting.

Introdução

A reserva técnica “Curt Nimuendajú”, vinculada à Coordenação de Ciências Humanas do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) abriga, atualmente, uma coleção de aproximadamente 15 mil objetos etnográficos² produzidos por diferentes povos indígenas da Amazônia brasileira e peruana. Esses objetos encontram-se registrados em quatro documentos oficiais da Instituição, a saber: o *Catálogo das Coleções Etnográficas do Museu Goeldi*, elaborado por Curt Nimuendajú em 1921; *A Relação do Material Etnográfico do Museu Paraense Emílio Goeldi* de 1939-1940; o *Registro do Material Etnográfico da Divisão de Antropologia* (1955) e o mais atual, publicado em 1982, intitulado de *Catálogo das Coleções Etnográficas do Museu Paraense Emílio Goeldi e da Universidade Federal do Pará*, cuja organização foi de Napoleão Figueiredo e Ivelise Rodrigues. As referidas Coleções, em todos os citados documentos institucionais são registradas pelo

1 Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro, via concessão de bolsas PIBIC e BEP para esta pesquisa.

2 O objeto etnográfico é um artefato criado em um determinado contexto, por uma sociedade humana específica, e é resultado do trabalho manual e elaborado a partir de materiais locais e de técnicas da sociedade que o confeccionou (VELTHEM, 2012).

nome de quem as coletou, prática instituída desde Curt Nimuendajú, primeiro curador da Coleção.

Há de se esclarecer que os documentos de 1921, 1939-1940 e o de 1982 estão encerrados e nenhum objeto foi mais registrado há algum tempo. Entretanto, o *Registro do Material Etnográfico da Divisão de Antropologia* (1955) continua aberto e novos objetos continuam sendo registrados seguindo a numeração iniciada no ano de sua abertura.

Muitas coleções etnográficas do MPEG foram formadas no final do século XIX e início do século XX como resultado de grandes expedições de viajantes naturalistas, na Amazônia, que visavam a adquirir informações sobre a região para ampliar os domínios das nações europeias sobre o novo mundo a ser conquistado. Conseqüentemente, a pesquisa científica assumiu um papel primordial para o conhecimento da Amazônia e o reconhecimento de suas potencialidades. Assim, a fundação de um Museu de História Natural, na região, representou, naquele contexto, a realização deste plano (BENCHIMOL, 2015).

Dentre os naturalistas que navegaram pelos rios da Amazônia está Henri Coudreau, viajante e geógrafo francês, que em 1895, foi contratado por Lauro Sodré, o então governador do Estado do Pará, para “levantar a carta do rio Tapajós, e de preferência a da secção, que vai de Itaituba até ao Salto Grande” (SODRÉ, 1896: 48), e também para resolver a questão da fronteira entre os estados do Mato Grosso e do Pará. Coudreau realizou 6 expedições pelo território paraense, descrevendo e analisando aspectos geográficos, etnográficos, geológicos, linguísticos, políticos e econômicos. Além disso, em duas de suas expedições, coletou objetos etnográficos dos povos indígenas Parintintin (rio Tapajós), Tapayuna (rio Tapajós) e Juruna/Yudjá (rio Xingu)³ que se encontram, atualmente, abrigados no Museu Paraense Emílio Goeldi.

No que se refere ao número de objetos coletados pelo francês em suas expedições e entregues ao MPEG, há informações contraditórias quando se analisa os catálogos da Coleção e se busca na reserva técnica esses mesmos objetos. Por exemplo, no Catálogo de 1982 constam apenas 10 objetos coletados por Coudreau e produzidos pelo povo Parintintin, em contraponto a 35 itens registrados no Catálogo de 1921, elaborados por diferentes etnias.

Nesta perspectiva, a presente pesquisa, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), visou a esclarecer dúvidas referentes à documentação da Coleção Etnográfica⁴ depositada por Henri Coudreau e Lauro Sodré, elucidando de quais povos indígenas e quantos objetos coletados por Coudreau se encontram ainda abrigados no MPEG para assim, apontar as contribuições do geógrafo francês para a referida Coleção. Para cumprir tal objetivo foi necessário traçar a trajetória de Coudreau, evidenciando também sua relação com os primeiros governos republicanos do Estado do Pará e com o então Museu Paraense.

Este trabalho teve como eixo condutor a História, mas interagindo com outras disciplinas, como a Ciência da Informação, Antropologia, Geografia e

3 No presente artigo serão utilizadas as grafias atuais dos povos indígenas da Amazônia com base nos dados apresentados pelo Instituto Socioambiental. Fonte: Instituto Socioambiental | Povos Indígenas no Brasil, < pib.socioambiental.org/pt>, Acessado em: 06/02/2017.

4 As coleções etnográficas se constituem de resultado direto de coleta regida por vários desígnios e princípios que buscam conferir sentidos de classificação, ordenação e permanência (LOPES, 2010 apud VELTHEM, 2012). Por outro lado, o objeto etnográfico, se consolidou como tal e assumiu a importância que tem hoje quando saiu de seu contexto primário e passou a ser preservado num museu. Segundo Desvallées e Mairesse (2013: 57), o conceito clássico de objeto museológico remete ao processo de musealização, entendido como “extração, física e conceitual, de uma coisa do seu meio natural ou cultural de origem” que opera “uma mudança do estatuto do objeto”. E “uma vez dentro do museu, assume o papel de evidência material ou imaterial do homem e do seu meio, e uma fonte de estudo [...]”.

Museologia. Foi realizada então uma pesquisa qualitativa documental e bibliográfica, cujas as fontes consultadas constaram de relatórios dos governadores do Estado, Boletins do Museu Paraense e jornais do período. Foram realizados levantamentos nos quatro documentos, já mencionados, em que estão registrados os objetos coletados pro Coudreau e uma visita à reserva técnica “Curt Nimuendajú” para verificar *in loco* quais objetos etnográficos estão, de fato, atualmente, abrigados na Instituição.

Além de solucionar dúvidas referentes à documentação da Coleção Etnográfica, o presente estudo visou a destacar a importância de Henri Coudreau, cuja memória e obra não possuem notoriedade atualmente, para o Museu Paraense e para a etnografia da Amazônia no século XIX, haja vista que seus relatos e imagens, mesmo que, por vezes, imprecisos e permeados por ideologias de sua época, servem de fontes para antropólogos, geógrafos e historiadores até os dias de hoje para o estudo de costumes, localização, hábitos, relações políticas e sociais desses povos indígenas e, principalmente, de representações que se fazia acerca dos mesmos. Tal como afirma Analúcia Thompson:

O estudo histórico da formação e da trajetória de uma coleção sob a guarda de um museu permite tornar visíveis sua singularidade e seu sentido, ao explicitar as relações sociais e políticas que a tornaram possível. E, ao mesmo tempo, abre espaço para que aquilo que estava esquecido possa ser lembrado em novas situações, em outros usos e por outros sujeitos, cuja memória pode ser acionada, não só pelos objetos guardados no museu, mas também pelas histórias que neles estão penetradas e, ao mesmo tempo, esquecidas (THOMPSON, 2013: 1).

Ao investigar esta coleção etnográfica, nos deparamos também com a trajetória e o pensamento social e político de Henri Coudreau, com as histórias desses três povos indígenas, da Coleção Etnográfica do Museu Paraense Emílio Goeldi, os interesses republicanos e positivistas do governo de Lauro Sodré e com as relações sociais desses atores do Pará no final do século XIX.

A trajetória de Coudreau pelo Pará

Quando contratado, Henri Coudreau já era conhecido no círculo intelectual e científico mundial pela sua participação nas missões francesas na região do Contestado franco-brasileiro na década de 1880. A sua atuação nessas empreitadas francesas gerou primeiramente problemas diplomáticos entre o governo francês e o brasileiro. O fato ocorreu quando o jovem e patriótico Henri Coudreau esteve na região do Contestado franco-brasileiro e invocou os habitantes locais a aderirem à causa francesa, pois seu país iria instalar uma linha de vapores ligando Caiena ao Pará. O geógrafo chegou até mesmo a recolher em algumas aldeias um documento pedindo à anexação da região à França (SOUZA FILHO, 2008; VARELLA, 2002).

Esta situação desagradou o governo brasileiro e o diplomata Marcos Antônio de Araújo, o Visconde de Itajubá, acusou Coudreau de ser um agente infiltrado. Além disso, afirmou que o geógrafo havia dito que era o encarregado do governo francês de recolher todas as informações possíveis sobre o Amapá e que a anexação do território contestado seria feita pelo uso da ciência ou da força (SOUZA FILHO, 2008).

Durante o período do Contestado, Coudreau foi considerado pelo Di-

ário de Notícia (1884), entre outros jornais paraenses, como *espião*, versão que perdurou no imaginário de uma parcela da população do Pará durante as últimas décadas do século XIX. Todavia, não é possível afirmar se o naturalista francês atuou ou não como agente *espião* na região do Contestado, pois as poucas informações obtidas indicam que ele apenas trabalhou para o Estado francês com objetivos científicos, entre os quais coletar informações sobre a biodiversidade, cartografia e etnologia da região da disputa franco-brasileira.

A obra de Henri Coudreau *La France Équinoxiale – Études sur les Guyanes et l'Amazonie*, serviu de importante fonte para diplomacia francesa ao reivindicar o território em questão. Os dados apresentados no livro são resultados de anos de pesquisas e viagens do geógrafo pela Amazônia desde 1881. *La France Équinoxiale* é um texto nacionalista dedicado ao governo francês requisitando o prosseguimento das políticas colonialistas na Amazônia, em direção ao território brasileiro. Coudreau (1886) afirmava ainda que os moradores de Cunani não tinham sentimentos amistosos pelo Brasil e que solicitavam a presença de administradores franceses na região.

Apesar desse histórico, Henri Coudreau foi contratado pelo governador do Pará em 1895⁵ para percorrer o rio Tapajós tendo “por fins principaes o levantamento da carta do rio, noticia detalhada da população indígena e descrição das riquezas naturaes, existentes na região percorrida” (MENDONÇA, 1897: 36). Sodré autorizou o geógrafo francês a fazer expedições pelos rios Xingu, no mesmo ano, e Tocantins – Araguaia, entre 1896 e 1897, com o intuito de estudar “sob o ponto de vista geographico, ethnographico, econômico e estatístico, e reunir o maior número de informações acerca da região percorrida” (MENDONÇA, 1897: 37).

A quarta missão paraense foi designada pelo governador sucessor José Paes de Carvalho. A viagem pelos rios Itaboca-Itacaiúnas no ano de 1897 objetivava “fazer um pormenorizado estudo das Cachoeiras de Itaboca e explorar o rio Itacaiúnas, afluente da margem esquerda do Tocantins, desaguando nesse rio a pequena distância a montante do Burgo Agrícola de Itacaiúnas” (COUDREAU, 1980, p. 11). Outras duas viagens foram feitas por Coudreau (1899) no Pará para o prosseguimento das investigações geográficas pelas quais o mesmo havia sido contratado. Entre abril e novembro de 1898 ocorreu a expedição pelos rios Tocantins-Xingu (1899a) e no mesmo ano, percorreu parte do rio Nhamundá (1899b) (Figura 1).

Entre agosto e novembro de 1899, Henri Coudreau realizou sua última expedição. O geógrafo francês faleceu no dia 9 de novembro de 1899, no lago Tampagem, durante a viagem feita ao alto Trombetas (SOUZA FILHO, 2008). A obra *Voyage au Trombetas* (1900) foi finalizada e publicada por sua esposa e companheira de expedições Octavie Coudreau (SOUZA FILHO, 2008).

O mapa a seguir (Figura 1), com os roteiros das viagens de Henri Coudreau financiadas pelos Governadores do Estado do Pará, demonstra a capacidade científica deste pesquisador e sua comitiva. Coudreau percorreu os rios Tapajós, Xingu, Araguaia, Itaboca, Itacaiúnas e Nhamundá entre os anos de 1895

5 O *Jornal do Brasil* de 14 de abril de 1895 noticiou que Coudreau abandonou definitivamente as Missões francesas, para as quais foi encarregado pelo governo francês, durante muito tempo, a fim de estudar o contestado franco-brasileiro (*Jornal do Brasil*, 1895). O geógrafo que durante alguns anos defendia a anexação do território contestado pelo governo francês, modificou sua opinião sobre o conflito franco-brasileiro, passando a defender a causa para o Brasil.

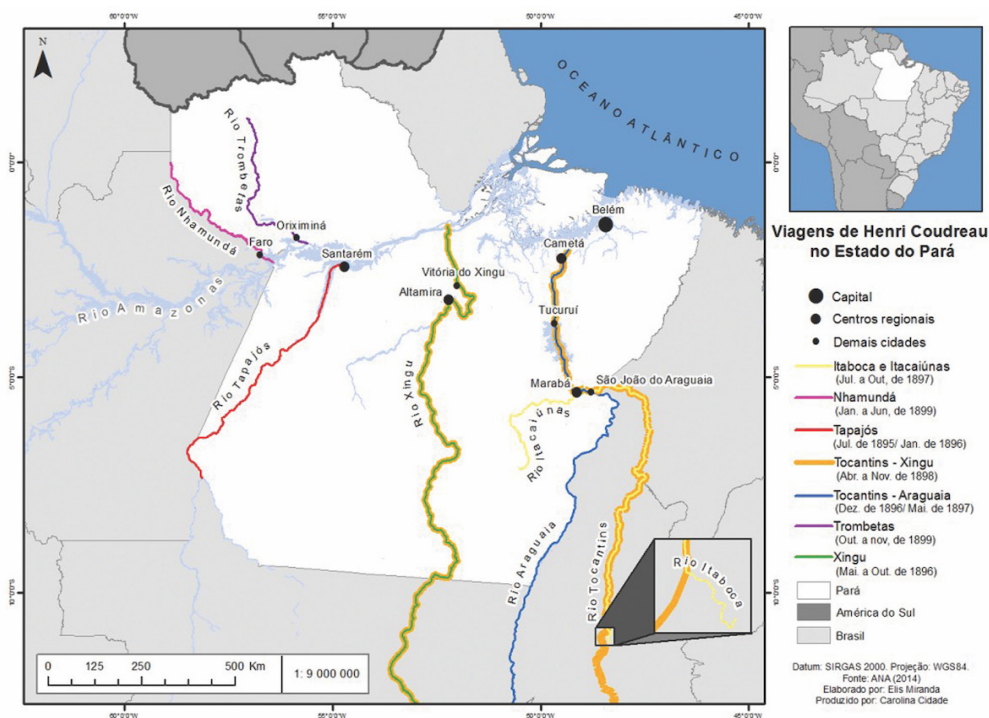


Figura 1 – mapa do roteiro das viagens de Coudreau no estado do Pará (1895-1899) financiadas pelos Governadores Lauro Sodré e Pais de Carvalho. Elaborado por Elis Miranda e produzido por Carolina Cidade (2017)

e 1899. Na viagem entre o Tocantins e o Xingu percorreu uma área por terra, seguindo pela densa floresta Amazônica.

Henri Coudreau percorreu em suas expedições longas distâncias. Algumas viagens, inclusive, cruzaram rios já percorridos pelo próprio, como aquela pelo Tocantins-Xingu de 1898 (realçada na Figura 1 em laranja), pois Coudreau já havia feito uma expedição anteriormente pelo Rio Xingu dois anos antes (grafada em verde). O mesmo ocorre com as viagens Tocantins-Araguaia e Tocantins-Xingu (realçadas pelas cores azul e laranja respectivamente) e um curto pedaço da viagem Itaboca-Itacaiúnas (em amarelo) no qual o geógrafo francês atravessou o mesmo trajeto. O mapa acima ao demonstrar os roteiros realizados por Coudreau no Pará comprova através das linhas coloridas o entrecruzamento das viagens e roteiros.

A Coleção Etnográfica do Museu Paraense

A formação da coleção etnográfica do Museu Paraense Emílio Goeldi está intimamente ligada à história da instituição (VELTHEM *et al.*, 2004). Os primeiros objetos da coleção foram obtidos em 1867, quando o museu ainda era chamado de Associação Filomática, após a publicação de uma circular solicitando doações de espécies/objetos dos três reinos da natureza. Foi requerido ainda que os artefatos fossem remetidos com uma lista na qual fossem nomeados pelo nome do doador, sobre o pretexto de que se publicasse na imprensa local e se documentasse no Museu (BENCHIMOL, 2009).

Os objetos, de diferentes naturezas, que inauguram a coleção chegaram ao Museu provenientes do interior do Estado do Pará, tais como “vestimentas de pennas e plumas, adufos ou tamborins, trombetas e tibicinas; armas de guerra; instrumentos de caça e pesca, machados de pedra, tembetás de quartzo branco; ídolos de argila, e vasos de barro” foram armazenados na sede oficial do Museu”

(PENNA, 1894: 29).

Cartas destinadas aos intendentés de cidades e vilas do interior do Pará também foram enviadas pela diretoria da Sociedade Filomática e tiveram êxito no recebimento de significativo material etnográfico. Objetos coletados nas excursões a campo feitas por Ferreira Penna também foram anexadas à coleção do Museu Paraense (VELTHEM *et al.*, 2004).

A partir de 1894, com a chegada do zoólogo suíço Emílio Goeldi (1859-1917), que já havia trabalhado no Museu Nacional do Rio de Janeiro, o Museu Paraense passou por um processo de reestruturação de suas coleções, de seu espaço físico e de aspectos organizacionais da instituição.

Com o apoio de Lauro Sodré, governador do Pará, que propiciou condições orçamentárias para os projetos, o período da gestão do zoólogo, de maio de 1894 a março de 1907, foi notabilizado pelas mudanças físicas e organizacionais no Museu (VELTHEM *et al.*, 2004), essa fase é chamada também de fase da “consolidação” (BERTHO, 1994). Logo após sua chegada, iniciou uma avaliação do estado do museu, publicada no primeiro Boletim do Museu Paraense de 1894.

Durante a gestão de Emílio Goeldi, o Museu Paraense almejava tornar-se um centro de estudo e divulgação da ciência no Estado do Pará e da Amazônia.

[...] as atividades científicas do Museu Paraense foram incrementadas somente a partir de 1894, quando o zoólogo suíço Emílio Goeldi (1859-1917) assumiu a direção do museu. Apoiado pelos primeiros governantes republicanos do Pará, Goeldi reformou a instituição [...] dando-lhe uma produtiva equipe de cientistas [estrangeiros] e infraestrutura adequada para a investigação e para as atividades museológicas. [...] O que pretendemos destacar aqui é a dupla importância de Emílio Goeldi para a institucionalização da ciência na Amazônia. Se por um lado o zoólogo ajudou a consolidar o Museu Paraense, inserindo-o no movimento científico nacional e internacional, por outro lado ele também foi responsável, pela primeira vez no país, pela formulação de um projeto científico claro e coerente para a Amazônia (SANJAD, 2006, p. 455).

Nesta direção, três pilares foram fundamentais para alcançar as pretensões do Diretor: 1) coordenação e classificação científicas das coleções existentes; 2) realização de conferências públicas pelo pessoal científico do Museu e 3) a publicação dos estudos que fossem realizados sobre a região (SODRÉ, 1894). No mesmo regulamento, as seções científicas foram divididas em 4: 1ª Zoologia e ciências anexas (anatomia e embriologia comparadas); 2ª Botânica e ramos anexas; 3ª – Geologia, paleontologia e mineralogia; 4ª Etnologia, arqueologia e antropologia. Anexos a instituição, seriam criados um Horto Botânico, Jardim Zoológico e Estações Biológicas no rio Amazonas e na Costa do Atlântico⁶ (SODRÉ, 1894).

A coordenação de classificação das coleções, como a etnográfica, eram um dos pilares das mudanças e pretensões do então diretor. Na década de noventa do século XIX, a coleção etnográfica do Museu Paraense, contava com 291 peças, foi definida por Emílio Goeldi, diretor da instituição e chefe da 4ª Seção, como pequena e caótica e mereceu sua crítica pela falta de organização no relatório ao Governador:

⁶ As estações pretendidas por Goeldi não chegaram a ser criadas, mas houve participação do Museu Paraense na montagem da Estação Experimental da Agricultura, no município de Peixe-Boi. (SANJAD, 2010)
ISSN 2238-5436

Mas encontrar umas 150 flechas, perto de uma dúzia de arcos, além de maracás, remos, enfeites, de pennas, collares, machados de pedra, etc., tudo sem letreiro, nem indicação alguma de proveniência? Isto é mais que funesto e quase desperta a suspeição que houve quem tivesse um interesse especial de produzir intencionalmente este estado chaotico, valendo-se do conhecimento da circunstancia, que objetos ethnographicos de origem incerta pouco ou nenhum valor possuem (GOELDI, 1894: 15).

Por conta da situação exposta, Goeldi dizia-se “obrigado em prol da probidade scientifica a encostar a maioria d’estes instrumentos de índios ou a degradal-os a um uso meramente ornamental e principiar de novo” (GOELDI, 1894: 15). O zoólogo recomeçou a coleção etnográfica, a partir do rigor de leis sistemáticas para a classificação, que correspondiam como as corretas para ele (BENCHIMOL, 2009).

A organização da Seção Etnográfica e Arqueológica foi uma das prioridades da gestão de Goeldi. Após o relatório criticando a desordem instaurada no acervo, o diretor do Museu empenhou-se no trabalho de ampliação da coleção, incrementando novos objetos por meio de doações de políticos, viajantes, militares, sertanistas, eventuais aquisições ou por coletas em pesquisas de Antropologia e Arqueologia.

É nesse período que se inicia a prática, que perdura até o presente na instituição, de se referir às coleções, incrementadas no acervo, pelo nome dos doadores. Coleções como as de Henri Coudreau (1898), Lauro Sodré (1897), Paes de Carvalho (1891) H. Berta (1901), Theodor Koch-Grünberg (1905) foram incorporadas ainda na gestão de Goeldi.

A partir de 1907, após a saída de Emílio Goeldi do Museu Paraense, a Instituição entra em decadência econômica e institucional, essa fase foi chamada de Crise e Decadência por Bertho (1994). Assim, em 1920, a diretora do Museu Emílio Goeldi, Emília Snethlage convidou o alemão Curt Unkel Nimuendajú para assumir a Seção de Etnologia, Arqueologia e Antropologia, atualmente Coordenação de Ciências Humanas (BENCHIMOL, 2009).

O pesquisador alemão trabalhou também na coleta de objetos etnográficos para o Museu Paraense Emílio Goeldi. Os objetos doados produzidos pelos Tukuna (1914 e 1942) e pelos Apalai (1915) e outros artefatos oriundos dos Canela (1933 e 1936) e dos Maxakali (1939), e que foram adquiridos com sua intermediação, fazem parte da atual coleção do MPEG.

Por conta da falta de chefes especializados, o cargo até então era função dos diretores da instituição, a Coleção Etnográfica do Museu não havia ainda sido sistematizada até a gestão de Nimuendajú. Durante seu mandato foram prioritárias: 1) a inspeção da coleção; 2) a produção de um catálogo que permitisse o controle rápido e lógico do acervo e 3) a recomposição das etiquetas da exposição (GRUPIONI, 1998).

Em 1921, o então chefe da Seção de Etnologia, Arqueologia e Antropologia elaborou o *Catálogo das Coleções Ethnográficas do Museu Goeldi* (1921). Neste catálogo foram listadas 2.632 peças de povos indígenas da Amazônia brasileira e peruana. Neste mesmo documento foi anexada uma página assinada por Evalda Xavier Falcão em 1939, datilografada, que dá conta do extravio de 13 peças, ou seja, contam apenas 2.619 objetos.

O catálogo está dividido em cinco colunas ordenadas da seguinte forma: a primeira identifica em ordem crescente o número dos itens; a segunda refere-se às etnias indígenas; a terceira coluna pontua a localização geográfica; a penúltima

tima diz respeito à procedência (nome do coletor, data e outras observações); a última descreve os objetos propriamente.

Nesta primeira listagem (1921), 40 objetos são atribuídos como coletados por Henri Coudreau, doados ao MPEG, entre 1897 e 1898, embora algumas peças estejam catalogadas na documentação da Instituição como pertencentes à Coleção Lauro Sodré. As peças indicam o local de procedência, a etnia e, em alguns itens, o livro de viagem do geógrafo. Os objetos pertencem a quatro povos indígenas: Parintintin (Rio Tapajós), Tapayuna (Rio Tapajós) e Juruna/ Yudjá (Rio Xingu).

O segundo catálogo da coleção etnográfica do Museu Paraense Emílio Goeldi data de 1939/40, no qual as peças estão divididas por seções referentes aos povos indígenas, e apresentam dois números de tombo: o número de referência antigo, dado por Nimuendajú em 1921, e o novo número, dado por ele também e auxiliado por Evalda Xavier Falcão.

Em relação a Henri Coudreau, 46 objetos etnográficos são atribuídos diretamente a ele, com procedência, localização geográfica e ano – também datados de 1897 e 1898. Os itens são de 3 povos indígenas, os mesmos encontrados na publicação de 1921.

Em 1982, foi publicado o mais recente *Catálogo da Coleção Etnográfica do Museu Paraense Emílio Goeldi e Universidade Federal do Pará* com quase 10 mil objetos (RODRIGUES; FIGUEIREDO, 1982). A listagem foi elaborada por Napoleão Figueiredo e Ivelise Rodrigues, e apresenta os objetos etnográficos do Museu Paraense Emílio Goeldi a partir das coleções e área cultural indígena (GALVÃO, 1960). Na listagem é possível obter informações sobre os coletores, povos indígenas, área de cultura indígena, ano e número das peças (sem descrição das mesmas). A quantidade de peças atribuídas a Henri Coudreau é menor em comparação com os outros catálogos: são apenas 10 peças depositadas no acervo em 1898, todas exclusivamente de origem Parintintin da área cultural Tapajós-Madeira-Kawahib.

Na década de 1950, Eduardo Galvão computou 9 mil artefatos entre peças etnográficas e arqueológicas no *Registro do Material Etnográfico da Divisão de Antropologia* (VELTHEM et al., 2004). Os oito Livros de Tombo⁷, elaborados por Eduardo Galvão em 1955, contêm informações mais atualizadas sobre os objetos etnográficos existentes na Reserva Técnica e seu estado de conservação. No livro, foram encontradas 46 peças atribuídas a Henri Coudreau doadas entre 1897 e 1898, pertencentes a três povos indígenas: Tapayuna do Rio Tapajós (Anexo 1), Juruna/ Yudjá do Rio Xingu (Anexo 2) e Parintintin do Rio Tapajós (Anexo 3) referidos nos catálogos

Em 2015, foram listados 14.176 objetos no livro de Tombo (BENCHIMOL, 2015). Hoje, esta coleção etnográfica está abrigada na Reserva Técnica “Curt Nimuendajú”, com esta denominação desde o início da década de 1980, por iniciativa da antropóloga Lucia Hussak Van Velthem (BENCHIMOL, 2015). Neste lugar, estão acondicionadas as peças do acervo sobre rígido controle para sua melhor conservação e gestão.

7 Em 1940, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) tombou a obra Coleção arqueológica e etnográfica do Museu Paraense Emílio Goeldi (Mello, 1992 apud Velthem et al., 2004)

A Coleta dos Objetos

Durante suas viagens, Henri Coudreau além de fazer um mapa geográfico, hidrográfico e geográfico do Estado do Pará, obteve objetos etnográficos de três povos indígenas durante duas expedições ao Rio Tapajós e Rio Xingu entre 1895 e 1896, respectivamente. Além da coleta dos artefatos, o geógrafo também fez referências acerca dos costumes desses indígenas, de sua relação com os “civilizados” e sua localização geográfica. Com exceção dos Juruna, Coudreau não entrou em contato com os povos e os objetos e as informações foram obtidos por terceiros.

É importante destacar que a coleta de cultura material indígena não é feita ao acaso, ela é feita dentro de um contexto social, influenciadas por ideologias e pensamentos sociais que tem ingerência nos atos do coletor (VELTHEM, 2012: 53). Como afirma a autora “tudo o que pertence a uma coleção resulta da sua ação [do coletor], pois é o colecionador que decide sobre a estrutura da própria coleção, o que implica tanto seleção como rejeição”.

Dito isto, é imprescindível entender as concepções de Henri Coudreau sobre os povos indígenas da Amazônia para contextualizar a coleção por ele formada e disposta no Museu Paraense Emílio Goeldi. O pensamento do geógrafo francês, como afirma Souza Filho (2008), se situa entre o romantismo de Rousseau, destacando-se a figura do “bom selvagem”, e o Socialismo nascente.

Coudreau acreditava que os melhores homens são aqueles mais isolados, mais distantes da civilização, por conta de sua liberdade, pela escolha do seu destino, porém, os indígenas que se civilizavam rapidamente e artificialmente perdiam a sua honradez e suas virtudes naturais (SOUZA FILHO, 2008). Em seus livros, Coudreau critica e ironiza os indígenas que se associam aos seringueiros e aos “civilizados”.

Os Parintintin são os primeiros, dos três destacados, a aparecerem nas páginas da obra de Coudreau. O francês faz uma descrição dos mesmos e comenta como coletou os seus objetos. Estes indígenas foram descritos a partir do seu grau de isolamento ou contato com os civilizados, no livro “Viagem ao Tapajós”.

Este grupo foi considerado pelo francês como índios mansos, em estado de paz com os civilizados. Coudreau os descreveu como portadores de enormes cabeleiras, com poucas pinturas corporais e não utilizavam vestimentas. Esse povo chega a receber elogios de Coudreau, possivelmente pelo seu relativo grau de isolamento, como sendo “sóbrios, honestos, repletos de qualidades” (COUDREAU, 1977a: 32).

O geógrafo ainda afirmou que esses índios seriam os mais suscetíveis de se tornarem verdadeiramente civilizados por apreciarem bastante os costumes dos civilizados e por serem donos de uma parte dos segredos do interflúvio Xingu-Tapajós, o que despertaria os interesses de seringalistas, funcionários do estado, ribeirinhos e exploradores. As terras localizadas entre os rios Xingu e Tapajós, também denominadas de “terras do meio” são, até os dias atuais, objeto de disputa de exploradores de madeira.

Há na Reserva Técnica Curt Nimuendajú 10 objetos etnográficos do povo Parintintin coleados por Henri Coudreau em 1895, durante sua expedição ao Rio Tapajós. No livro “Viagem ao Tapajós” (COUDREAU, 1977a), o geógrafo francês assinalou que recebeu de presente de José Francisco Moreira um conjunto de flechas e machados destinados para a seção Parintintin do Museu Paraense. A coleção Coudreau (1898) contém diferentes peças desse povo, além

das já referidos flechas e machados, como capacete, arco, enfeites de taboca (Figura 2), cinto de tala e pulseira de pena.

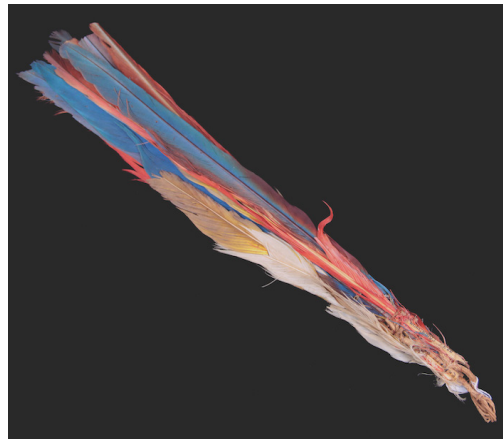
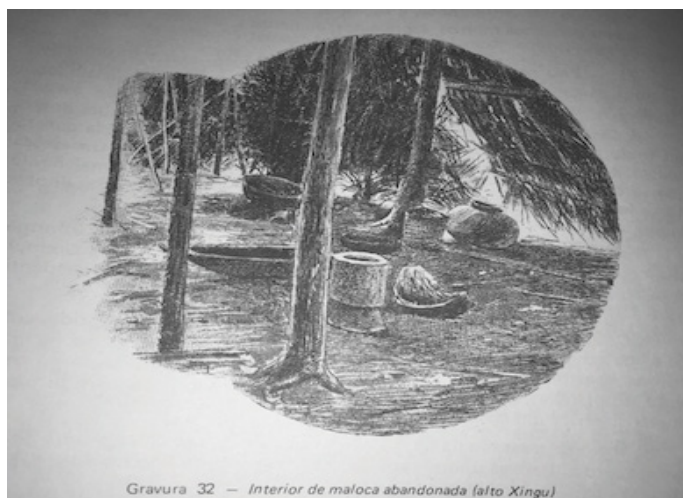


Figura 2. Enfeite de Taboca do povo Parintintim. “Coleção Etnográfica Reserva Técnica Curt Nimuendajú. MCTI/ Museu Paraense Emílio Goeldi” (2016).
Foto: Fabio Jacob, 2016.

Os Tapayuna, apesar de serem índios resistentes ao contato com outros povos, são concebidos por Henri Coudreau como “bandidos hereditários e profissionais” (COUDREAU, 1977a: p. 86). Este retrato descrito por ele foi feito a partir de uma análise dialética que não permite enquadrar este povo como o exemplo de virtuosidade. Estes indígenas mantinham relativo isolamento, característica do bom selvagem, todavia, tendiam para ações militares e morais que eram censuradas pelo geógrafo francês.

Apesar da descrição de Coudreau, não há registro de contato direto entre o mesmo e o povo Tapayuna. Inclusive, a peça que está acondicionada na Reserva Curt Nimuendajú foi obtida pelo geógrafo francês através de um presente dado pelos índios Apiaká (COUDREAU, 1977a).

Durante a sua expedição pelo Xingu, a segunda pelo governo do Estado do Pará, que passou por trilhas, furos, igarapés, ilhas e cachoeiras, Coudreau relatou a coleta de objetos etnográficos Juruna em choças e malocas abandonadas (Figura 3), próximas a Cachoeira dos Taperas, durante sua expedição ao Xingu.



Gravura 32 — Interior de maloca abandonada (alto Xingu)
Figura 3. Interior de Maloca do alto rio Xingu.
Fonte: Coudreau, 1977b.

Os objetos foram abandonados por índios que fugiam da ação dos chamados civilizados, ou seja, os objetos não foram negociados com os indígenas ou doados por estes últimos para o envio às instituições museológicas, como afirma o próprio Coudreau: “Numa dessas malocas abandonadas, aquele Turiú, conforme me dizem, estou colecionando várias objetos e utensílios que os Jurunas, ao se mudarem, deixaram ali, não obviamente para o Museu Paraense” (COUDREAU, 1897: p. 66).

Na mesma viagem, no Travessão da Capivara, Coudreau coletou novos objetos, inclusive um deles mostrado na Figura 3 está abrigado até os dias de hoje na Reserva Técnica do Museu “[...] recolho vinte e duas amostras do artesanato juruna, alguns dos quais até artísticos: esculturas em madeira! Encontro inclusive uma ponta de lança em pedra talhada, proveniente sem dúvida alguma, das regiões centrais do sul” (COUDREAU, 1977b: 68).

A Figura 4 representa uma ubá confeccionada pelos índios Juruna do Rio Xingu e coletada por Coudreau durante sua expedição ao Rio Xingu em 1896. No livro de Tombo n.º 4 foram encontradas poucas informações sobre o objeto, dando conta que ele seria um brinquedo-ubá de número 5539.



Figura 4. Brinquedo-Ubá do povo Juruna. Fonte: “Coleção Etnográfica Reserva Técnica Curt Nimuendajú MCTI/ Museu Paraense Emílio Goeldi” (2016).

Foto: Fabio Jacob, 2016

Coudreau descreveu a localização dos Juruna do Xingu como sendo entre a Praia Grande e a Pedra Seca. Esses índios foram primeiramente descritos como “mansos, civilizados e errantes” e medrosos (COUDREAU, 1977b: 37).

Os Juruna passavam por um processo de decréscimo populacional – O francês reporta que “uns vinte anos” antes da sua expedição de 1896 esse povo era numeroso e viviam em cerca de “18 malocas”. No período do contato no “máximo uns 150, entre mansos, civilizados e errantes” (COUDREAU, 1977b: 37) - e viviam fugindo dos civilizados e de outros indígenas, que queriam explorar seu trabalho ou matá-los.

Eles foram chamados de medrosos pelo francês, após ter se deparado com antigas malocas, construídas em locais estratégicos para a fuga, no caso desse grupo ser encontrado por índios Carajá (COUDREAU, 1977b: 37).

Os medrosos jurunas escolhiam de preferência as ilhas bem menores, para poderem fazer mais rapidamente o seu desmatamento, podendo assim enxergar de longe a chegada do possível agressor, o terrível carajá, e enfrentá-lo. Fugindo em heróicas remadas na mais ligeira das ubás (COUDREAU, 1977b: 54).

Coudreau compadeceu-se do estado de penúria desses índios, ou quis expressar isso no livro, inclusive abrigando alguns em sua comitiva e utilizando outros dois como guias, Xambi e Laurinda. A maior parte desses índios, como já dito, vivia miseravelmente e fugindo dos seus inimigos “bravos” e dos “civilizados”. Durante as fugas pela floresta, os Juruna deixavam resquícios, indícios de sua presença pelas praias e ilhotas do Xingu e foram nessas condições que Coudreau encontrou os objetos que hoje estão depositados na Reserva Técnica do Museu Goeldi.

Coudreau e Sodré: coleções etnográficas do Museu Paraense

Ao fazermos a pesquisa nos catálogos, livro de tombo e a pesquisa empírica na Reserva Técnica, identificamos 46 objetos etnográficos coletados pelo francês. Todavia, a menor parte desses objetos compõe atualmente a Coleção Henri Coudreau (1898), a maioria faz parte da Coleção Lauro Sodré (1897).

Possivelmente, a formação das distintas coleções se deu pela prática da Instituição de intitular a coleção a partir do nome do doador, e não do coletor. Pode-se afirmar isso, pois há na documentação da coleção de 1921 e 1939-1940, algumas informações acerca das circunstâncias das coletas, a localização e o ano da doação.

Nas listagens e catálogos da coleção consultados, sobretudo em relação a de 1921, há divergências no número de objetos coletados por Coudreau. Por exemplo, na primeira listagem encontram-se apenas um objeto Parintintin coletado pelo francês e pertencente a sua coleção, mas alguns anos depois, na lista de 1939-1940, constam 10 objetos, o mesmo que nas listas posteriores.

As fontes investigadas não trazem respostas ou não relatam como foi realizada a doação de objetos etnográficos coletados pelo pesquisador francês ao então Governador do Estado do Pará. Sabemos apenas que os objetos de índios do Tapajós foi um pedido de Goeldi a Lauro Sodré com a intenção de incrementar a Coleção etnográfica do Museu.

Em carta de 24 de julho de 1895 enviada ao Governador do Pará, o diretor do Museu Paraense informando que tendo ciência de que o viajante e geógrafo francês Henri Coudreau havia sido incumbido de comissão de exploração na região contestada entre o Estado do Mato Grosso, Amazonas e Pará⁸ e estudos da população indígena, parecia-lhe então oportuno:

pedir a V. excelência providencias afim que os objetos ethnographicos de historia natural, que por ventura sejam encontrados durante a comissão sejam reservados para o Museu Paraense e que revertam para este Estabelecimento estadual collecções feitas em comissões pagas pelo Estado. [...] tomo a liberdade enviar a V. Exma. dois exemplares das “Instrucções praticas” como afim de serem transmitidas na mesma [ilegível] ao Sr. Henri Coudreau (Carta de Emílio Goeldi a Lauro Sodré de 24 de julho de 1895, Arquivo Guilherme de La Penha, MPEG).

8 Em 1895, Henri Coudreau, viajante e geógrafo francês, foi contratado por Lauro Sodré para realizar expedição pelo rio Tapajós tendo “por fins principaes o levantamento da carta do rio, noticia detalhada da população indígena e descripção das riquezas naturaes, existentes na região percorrida”, além de estudar a região contestada entre o Mato Grosso e o Pará

A carta enviada a Lauro Sodré evidencia as preocupações do diretor do Museu Paraense com a obtenção de novos objetos. A formação de coleções etnográficas não era um dos primeiros objetivos dados pelo Governador a Coudreau, apesar do mesmo já ter coletado objetos a serviço do governo francês, mas foi incrementado e executado pelo geógrafo.

No relatório de 1895, escrito por Sodré, ao relatar sobre a expedição ao Tapajós se encontram pistas de que o pesquisador francês tinha como objetivo noticiar detalhadamente “acerca da população indígena dos referidos rios, especialmente sobre os mundurucus e Apiacás” (SODRÉ, 1896: 48). Não houve entrada no Museu, todavia, de objetos desses dois povos nas duas coleções, dessa forma, a entrada de objetos foi uma solicitação exclusiva de Goeldi.

Apesar do pedido de objetos em 1895, não encontramos a explicação acerca da doação da coleção de objetos Juruna em 1898. Nas correspondências expedidas e recebidas por Goeldi não há qualquer menção de demanda por objetos da região do Xingu, apesar de ser, na época, de conhecimento público a expedição de Coudreau.

No ‘Boletim do Museu Paraense’, de junho de 1898, consta apenas o recebimento de donativos relativos à etnografia do Governador do Estado, Lauro Sodré. Foram doados “arcos, flechas, remos, photographias do Indios ‘gaviões’ do Tocantins” (Boletim do Museu Paraense, 1898: 280). Apesar da informação apresentada no periódico da instituição, não há nas fontes pesquisadas indícios de que Coudreau foi o fotógrafo e o coletor desses objetos etnográficos. Por conta disso, os artefatos não foram alvos de estudo do presente artigo⁹.

Apesar das doações particulares feitas por Lauro Sodré à coleção etnográfica do Museu Paraense, tendo o seu nome em algumas listas de doadores, alguns autores, entre quais Bertho (1994), consideram o seu governo omissos em relação às áreas da etnografia e antropologia na Instituição paraense. Para a antropóloga, durante todo o período que Sodré esteve no poder a Seção de Etnologia, Arqueologia e Antropologia (4ª Seção) do Museu passou por um processo de estagnação, por conta da falta de pessoal especializado e qualificado para geri-la¹⁰.

Benchimol (2015) aponta um fato intrigante acerca do Artigo 7º do regulamento de 1894, no qual se refere que todas as Seções, a exceção da de Etnologia, Arqueologia e Antropologia, deveriam ter um chefe. Porém, essa questão seria razão de discórdia entre Lauro Sodré e Emílio Goeldi.

Enquanto o Governador acreditava que a Seção não necessitava de um chefe especializado até atingir um ponto de desenvolvimento, Emílio Goeldi combatia esse pensamento. Para o zoólogo, o desenvolvimento só aconteceria se fossem investidos recursos humanos e materiais na referida área. Sobre a questão, Goeldi (Relatório, 1896: 225) escreveu:

Realmente, se a ocupação com os índios já não fosse um *desideratum* directamente originado agora pela nossa organização do Museu Estadual e a secção de ethnographia n’ella contemplada, eu chama-la-ia um postulado de civilização, da philantropia e do progresso, que sustentamos na bandeira da nova era. Queremos fazer menos que no tempo do Império? Certamente que não. E direi que não basta fazer mais, é preciso fazer melhor. Não esqueçamos que teremos, por juizes as futuras gerações, cuja literatura não perdoará

9 Durante as expedições de Coudreau no Estado do Pará foram feitas fotografias e ilustrações das paisagens, povos indígenas e dos moradores dos municípios percorridos pelo viajante. As fotografias das viagens foram feitas pelo próprio geógrafo e por sua esposa, também exploradora, Octavie Coudreau.

10 Para mais informações sobre a documentação da coleção etnográfica do MPEG até 1921 vide Benchimol (2009).

o descuido, o desleixo, e a desatenção para com a *ethnographia* pátria: Que a geração atual salve a sua responsabilidade em tempo!

A falta de investimento em pessoal na 4ª Seção foi explicada por Bertho (1994) a partir dos pressupostos teóricos e da lente cultural de Lauro Sodré, enquanto político republicano e positivista. Os estudos dos povos indígenas e dos seus rastros culturais não faziam parte do ideário evolucionista e positivista da República que emergia no Pará naquele período.

A falta de um chefe especializado evidenciou a dependência política do Museu Paraense (BERTHO, 2001). Esse fato refletiu na reduzida produção científica dedicada à área publicada no Boletim do Museu, criado por Goeldi em 1894 (BENCHIMOL, 2015).

A dialética, primordialmente entendida, de polos antagônicos – a negligência de investimentos no governo de Sodré com as áreas de estudos indígenas e as doações de peças etnográficas – pode ser entendido como frutos de uma política de Estado eurocêntrica e evolucionista, no qual os povos indígenas não mereciam grande atenção por estarem próximos da extinção. Como explicam Ribeiro e Velthem (1992: 104) no final do século XIX os objetos etnográficos eram valorizados por “sua capacidade de testemunhar a respeito de estágios primitivos da cultura humana, assim como de um passado comum que confirmava o triunfo e a superioridade europeia”. Havia uma compreensão geral de que o destino inevitável desses povos era a extinção e os objetos serviam de testemunhos da existência desses povos e da sua posição, julgada como inferior, na evolução cultural da humanidade.

José Reginaldo Santos Gonçalves afirma que entre o final do século XIX e início do XX os objetos etnográficos foram “alvo de colecionamento, classificação, reflexão e exibição por parte de autores cujos paradigmas evolucionistas e difusionistas situavam-se no macro-contexto da história da humanidade” (GONÇALVES, 2007: 16). Os artefatos eram coletados e introduzidos nas instituições museológicas com o intuito de servir como indicadores da evolução social humana, a partir da ideologia e pensamento cientificista do período (GONÇALVES, 2007: 16).

A coleta de objetos, as práticas de colecionismo em Museus demonstram a reprodução de um ideário evolucionista da época, a relação social entre cientistas naturalistas, como Coudreau, e índios e o gosto estético do período (RIBEIRO;VELTHEM, 1992). O ato de coletar, como já dito, não se dá ao acaso, ele é permeado por interesses, contexto político-social e crenças pessoais e sociais do coletor.

Os artefatos coletados por Coudreau faziam parte de um contexto de reestruturação da Coleção Etnográfica do Museu Paraense, dos primeiros governos republicanos do Pará e de teorias cientificistas racistas e evolucionistas. O depósito desses objetos são testemunhos das condições, costumes e crenças dos povos Tapayuna, Parintintin e Juruna e também da história da etnografia, ciência do Pará na década de 1890.

Considerações Finais

Analisar as contribuições de Henri Coudreau para a Coleção Etnográfica do Museu Paraense Emílio Goeldi mostraram não somente a trajetória do geógrafo francês no Estado do Pará, mas a vinculação da entrada dos objetos etnográficos no ambiente museológico no efervescente cenário político e cien-

tífico da Amazônia no final do século XIX.

O Estado do Pará no final do século XIX passava por transformações em vários âmbitos da administração pública por conta dos recursos econômicos provenientes da extração da borracha. Nesse contexto político, o Museu Paraense passou por uma reestruturação promovida pelos primeiros governos republicanos do Pará e pelo zoólogo suíço Emílio Goeldi, o então diretor do Museu Paraense.

Goeldi durante sua gestão promoveu a reforma e reorganização da coleção etnográfica do Museu Paraense. O empenho do zoólogo pelos estudos etnográficos na instituição permitiu que políticos paraenses de renome, como Lauro Sodré, e pesquisadores estrangeiros depositassem na instituição os objetos coletados de etnias indígenas da Amazônia.

Por outro lado, estudar as contribuições do geógrafo francês ao MPEG envolveu também traçar uma breve trajetória da coleção etnográfica do Museu Paraense e suas tentativas de organização. Os catálogos e o Livro de Tombo são fontes históricas importantes para pesquisas de Museologia e de História da Ciência na Amazônia pelo detalhamento, em alguns casos, dos objetos etnográficos e dos coletores.

Utilizando-se dos catálogos, do Livro de Tombo, livros de viagem de Henri Coudreau, jornais, Boletins do Museu Paraense e relatórios dos governadores, foi possível identificar contribuições de Coudreau à Coleção Etnográfica do Museu Paraense Emílio Goeldi. Por meio do confronto das fontes pesquisadas, foi elaborada uma lista de 46 objetos etnográficos coletados por Coudreau e acondicionados na Reserva Curt Nimuendajú. Os objetos pertencentes a três etnias indígenas - Juruna, Parintintin e Tapayuna -, foram organizados a partir numeração nas listagens de 1921, 1939 e 1955, procedência ou localização geográfica, coletor, descrição do objeto e povo indígena.

Finalizando, indicamos ainda novas possibilidades de pesquisas que se abrem sobre a obra e as contribuições de Henri Coudreau para a divulgação da paisagem, dos objetos etnográficos e dos povos indígenas da Amazônia. As ideias, as fotografias de viagens, os mapas e os dados populacionais levantados e registrados por Coudreau merecem ser consultados por jovens pesquisadores interessados em estudar a região Amazônica e sua representação pelo viajante francês durante a última década do século XIX. Destaca-se ainda que outros objetos de povos indígenas amazônicos coletados pelo geógrafo francês encontram-se acondicionados no Museu de Quai Branly, em Paris, e esses artefatos podem ser matéria para nossas futuras investigações.

Agradecimentos

Os autores são gratos a Daniele Cavaliere Brando (Fundação Biblioteca Nacional), Hein van der Voort e Joshua Birchall (Museu Paraense Emílio Goeldi) pelo aporte dado durante a elaboração deste artigo.

Referências

BENCHIMOL, Alegria. *Informação e objeto etnográfico: percurso interdisciplinar no Museu Paraense Emílio Goeldi*. 2009. 124 f. Dissertação - PPGCI/UFF/IBICT, Rio de Janeiro, 2009.

_____. *Resgate e ressignificação da pesquisa no Museu Paraense Emílio Goeldi: presença e permanência de cientistas estrangeiros (1894-1914) na produção científica de autores atuais (1991-2010)*. Tese – UFRJ, Rio de Janeiro, 2015.

BENCHIMOL, Alegria; PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. “O Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: trajetória e aspectos históricos dos primeiros 20 anos (1894-1914)”. *Anais do XV Enancib*. Belo Horizonte: UFMG, 2014. v. XV. p. 4271-4288

BERTHO, Angela Maria de Moraes. “O Museu Paraense Emílio Goeldi no contexto cultural da Amazônia”. In: D’INCAO, Maria Angela; SILVEIRA, Isolda Maciel da. *A Amazônia e a crise de modernização*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1994, p.185-193.

_____. “As Ciências Humanas no Museu Paraense Emílio Goeldi em suas fases de formação e consolidação (1886-1914)”. In: FAULHABER, P.; TOLEDO, P. M. (Coord). *Conhecimento e fronteira: história da Ciência na Amazônia*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001, p. 147-160.

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE, Belém, v. 2, n. 3, p. 280, jun. 1898.

Carta de Emílio Goeldi a Lauro Sodré. Belém, 24 de Julho de 1895. Museu Paraense Emílio Goeldi, Arquivo Guilherme de La Penha, Fundo MPEG, Gestão: Emílio Goeldi, Série: Correspondência ativa.

COUDREAU, Henri Anatole. *La France Équinoxiale: études sur les Guyanes et l’Amazonie*. Paris: ChallamedAiné Ed., 1886.

_____. *Viagem à Itaboca e ao Itacaiúnas*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo: EdUSP, 1980.

_____. *Viagem ao Tapajós: 28 de julho de 1895 - 7 de janeiro de 1896*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [194-]. 288 p., il.

_____. *Viagem ao Tapajós*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo: EdUSP, 1977a.

_____. *Viagem ao Xingu*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo: EdUSP, 1977b.

_____. *Voyage au Xingu: 30 mai 1896, 26 octobre 1896*. Paris: Lahure, 1897

_____. *Voyage au Tocantins et Xingu: 3 avril 1898 – 3 novembre 1898*, Paris: ALahure, 1899. in 4°, 78 vignettes, 15 cartes. Hachette.

_____. *Voyage au Yamunda: 21 janvier 1899-27 juin 1899*. Paris: A Lahure, 1899. in 4°, 87 vignettes, 17 cartes. Hachette.

_____. *Yamundá*. Bruxelles [Bélgica]: InstitutGeographique, 1899. 1 mapa em 11 seções. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart163334/cart163334.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2017. Acervo da Fundação da Biblioteca Nacional – Brasil.

COUDREAU, Octavie. *Voyageau Trombetas*. Paris: A. Lahure, 1900.

CUNHA, Osvaldo Rodrigue da. “Histórico do Museu Paraense Emílio Goeldi”. In: *O Museu Paraense Emílio Goeldi*. São Paulo: Banco Safra, 1986, p. 7-19.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Conceitos chave da museologia*. Paris: Armand Colin, ICOM, 2013.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Belém, p. 2, 9 maio 1884. Acervo da Fundação da Biblioteca Nacional – Brasil.

GALVÃO, Eduardo. “Áreas culturais indígenas do Brasil: 1900-1959”. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, n. 8, jan. 1960.

GOELDI, Emílio Augusto. Relatório sobre o estado do Museu Paraense apresen-

tado a S. Exa. o Sr. Dr. Governador do estado do Pará pelo diretor do museu, 28 de junho de 1894. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*, Belém: Tip. A. Silva & Cia. v. 1, n. 1. p. 10-20, set. 1894.

GONCALVES, José Reginaldo dos Santos. *Antropologia dos Objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: Iphan, 2007.

GRUPIONI, Luis Donisete Benzi. *Coleções e expedições vigiadas: os etnólogos no conselho de fiscalização das expedições artísticas e científicas no Brasil*. São Paulo: Hucitec; Anpocs, 1998.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, p. 3. 14 de abril de 1895. Acervo da Fundação da Biblioteca Nacional – Brasil.

MENDONÇA, Albuquerque. *Administração do Dr. Lauro Sodré*. Belém: Typ. do Diário Oficial, 1897. Acervo da Fundação da Biblioteca Nacional – Brasil.

NIMUENDAJÚ, Curt. *Catálogo das coleções etnográficas do Museu Goeldi*: cópia do 1º Catálogo do Sr. Curt Nimuendajú. Belém, 1921. (Não publicado)

PENNA, Domingos Soares Ferreira. “Archeologia e Ethnografia no Brazil”. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnografia*, Belém, tomo 1, p.28-31, 1894.

RELATÓRIO (1894) apresentado ao Sr., Governador do Estado do Pará, Dr. Lauro Sodré. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia*, Belém, v 1, n. 1-4, p. 217-239, 1896.

RIBEIRO, Berta G; VELTHEM, Lucia H. “Coleções Etnográficas, documentos materiais para a História Indígena e o Indigenismo”. In: CUNHA, Maria Manoela Carneiro da (Org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Editora Schwarcz, 1992, v. 1, p. 103-114.

RODRIGUES, Ivelise; FIGUEIREDO, Napoleão. *Catálogo das coleções etnográficas do Museu Paraense Emílio Goeldi e Universidade Federal do Pará*. Belém: CNPq; INPA; MPEG, 1982.

SODRÉ, Lauro. Regulamento do Museu Paraense, 2 de julho 1894. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia (Museu Goeldi)*. Belém: Tip. A. Silva & Cia., v. 1, n. 1. p. 22-27, set. 1894.

_____. Mensagem Dirigida pelo Snr. Governador Dr. Lauro Sodré ao Congresso do Estado do Pará em sua reunião em 1º de fevereiro de 1896. Belém: Typ. do Diário Oficial, 1896.

SANJAD, Nelson. *A Coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República (1866-1907)*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus; Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2010.

_____. “Emílio Goeldi (1859-1917) e a institucionalização das ciências naturais na Amazônia”. *Revista Brasileira de Inovação*, v. 5, n. 2, p. 455-477, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA FILHO, Durval de. *Os retratos dos Coudreau: índios e miscigenação através das lentes de um casal de visionários que percorreu a Amazônia em busca do “Bom Selvagem” (1884-1899)*. 2008. 219 f. Dissertação - Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

THOMPSON, Analucia . Coleções Etnográficas e Patrimônio Indígena. In: XXVII Simpósio Nacional de História da ANPUH, 2013, Natal. XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social, 2013.

VELTHEM, Lúcia Hussak van; TOLEDO, Franciza; BENCHIMOL, Alegria; ARRARES, Rosa; SOUZA, Ruth. “A coleção etnográfica do Museu Paraense Emílio Goeldi: memória e conservação”. *MUSAS: revista brasileira de Museus e Museologia*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 121-134, anual 2004.

Matheus Camilo Coelho
Alegria Benchimol
Elis de Araújo Miranda

VELTHEM, Lucia Hussak van. “O objeto etnográfico é irreduzível? Pistas sobre novos sentidos e análises”. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 7, n. 1, p. 51-66, jan.-abr. 2012.

VARELLA, José. “Paradoxal e Polêmico: Coudreau conectou História e Etnologia antecipando a tese do “Desenvolvimento Sustentável” inclusive”. In: COUDREAU, Henri. *O futuro da capital do Pará*. Pará: Imprensa Oficial do Pará, 2002.